

Nanã Buruquê e Abaluaiê

RONALDO ANTONIO LINARES



TRÍADE



**NANÃ BURUQUÊ
E ABALUAIÊ**

RONALDO ANTONIO LINARES
DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE

NANÃ BURUQUÊ E ABALUAIÊ

COLEÇÃO ORIXÁS

VOLUME IV

TRÍADE

Copyright © 1987 Ronaldo Antonio Linares
Diamantino Fernandes Trindade

Coleção Orixás

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou
parcial desta obra.

DISTRISUL - EDIT. E DISTR. DE LIVROS LTDA.
R. Galileu Menon, 149 - 1o Andar
03567 - São Paulo - SP.
Tel*(011) 957-2963

OS AUTORES

Babalaô

RONALDO ANTONIO LINARES

— Filho de fé do famoso Babalaô Joãozinho da Goméia a quem conheceu muito jovem quando dava seus primeiros passos no Candomblé, nos subúrbios do Rio de Janeiro.

— Babalaô da Roça de Candomblé Obá-Ilê (digna do autor).

— Radialista especializado em programas de divulgação da Umbanda e do Candomblé na Rádio Cacique de São Caetano do Sul, participando dos seguintes programas: “Iemanjá dentro da noite”; “Ronaldo fala de Umbanda” e por quase dezoito anos consecutivos “Umbanda em marcha”, com uma hora de duração e a programação diária “Momento de prece”.

— Foi o primeiro a mencionar a figura de Zélio de Moraes em jornais de grande circulação em São Paulo, Diário do Grande ABC e Notícias Populares.

- Colunista do jornal A Gazeta do Grande ABC.
- Na televisão participou durante quase quatro anos do programa “Xênia e você” na TV Bandeirantes. Participou como produtor e apresentador durante seis meses do programa “Domingos Barroso no Folclore, na Umbanda e no Candomblé”, programa dominical com duas horas de duração na TV Gazeta.
- Porta-voz oficial do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo, título que lhe foi conferido na ocasião pelo General Nelson Braga Moreira.
- Diretor-Presidente da Federação Umbandista do Grande ABC desde de novembro de 1974.
- Criador do primeiro santuário umbandista do Brasil, o Santuário Nacional da Umbanda no Parque do Pedroso, em Santo André, com 640.000 m².
- Membro permanente da diretoria do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (SOUESP) desde 1970, atual presidente do Conselho Consultivo desse órgão.
- Cavaleiro de Ogum, honraria que lhe foi conferida pelo Círculo Umbandista do Brasil.
- Ronaldo Antonio Linares considera a maior honraria de sua vida, haver conhecido em vida e privado da amizade do senhor Zélio Fernandino de Moraes, Pai da Umbanda, considerando-se filho espiritual de suas filhas Zélia e Zilméia a quem dedicamos esta obra.

DIAMANTINO FERNANDES TRINDADE

- Professor das Faculdades Oswaldo Cruz, Faculdades de Santo Amaro, Faculdades da Zona Leste e Faculdades Farias Brito de Guarulhos.

- Filho de fé do Babalaô Ronaldo Antonio Linares.
- Babalaô formado pela Federação Umbandista do Grande ABC.
- Vice-Presidente da Federação Umbandista do Grande ABC.
- Membro do Conselho de Culto e responsável pelos cursos de formação de sacerdotes da Federação Umbandista do Grande ABC.
- Membro do Conselho Consultivo do Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo.
- Especialista em Estudos Brasileiros através do convênio da Universidade Mackenzie de São Paulo com o Ministério da Educação e Cultura, onde apresentou o trabalho “Aspectos Históricos e Sociais da Umbanda”
- Conferencista no 6º.o e 7º.o Encontros de Chefes de Terreiros, realizados pela Associação Paulista de Umbanda - 1984/1985.
- Relator do Forum de Debates “A Umbanda e a Constituinte”, realizado na Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo em 18 de outubro de 1986.
- Autor da matéria “Umbanda uma Religião Brasileira” no jornal D.O.Leitura, jornal cultural da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

Dedicamos este livro ao General Nelson Braga Moreira (ex-Presidente do SOUESP), ao Dr. Estevam Montebelo (ex-Presidente do SOUESP), ao Sr. Felix Nascente Pinto (ex-Presidente do Primado de Umbanda do Estado de São Paulo), ao Sr. Domingos Lofredo (ex-Presidente da Federação Umbandista do Estado de São Paulo), ao Sr. Renato Dib (ex-Presidente do SOUESP) e ao Sr. José Gabriel da Rocha Mina (ex-Orador Oficial do SOUESP), criador da Escola de Curimbas Felix Nascente Pinto.

Esses foram os pioneiros da causa umbandista no Estado de São Paulo, através da entidade máxima no Estado, o Superior Órgão de Umbanda do Estado de São Paulo (SOUESP). A eles dedicamos este volume, justamente por Nanã Buruquê e Abaluaîê representarem as linhas finais ou seja, a senilidade e a morte.

ÍNDICE

PREFÁCIO 13

I. INTRODUÇÃO 15

II. AS SETE LINHAS DA UMBANDA 17

III. NANÃ BURUQUÊ 27

1. Lenda africana sobre Nanã Buruquê 27
2. Resumo da vida de Sant'Ana 30
3. Sincretismo religioso 33
4. Características de Nanã Buruquê 33
5. Data comemorativa de Nanã Buruquê 34
6. Saudação a Nanã Buruquê 34
7. Cores representativas de Nanã Buruquê 34
8. Instrumentos de culto de Nanã Buruquê 35
9. Características dos filhos de fé de Nanã Buruquê 36
10. Pontos riscados de Nanã Buruquê 37
11. Pontos cantados de Nanã Buruquê 37
12. Comida de Santo (Orixá) e animais consagrados a Nanã Buruquê 39
13. Obrigação a Nanã Buruquê na Umbanda 39

IV. ABALUAIÊ 49

1. Lenda africana sobre Abaluaiê 49
2. Resumo da vida de São Lázaro 52
3. Sincretismo religioso 56
4. Características de Abaluaiê 56
5. Data comemorativa de Abaluaiê 57
6. Saudação a Abaluaiê 57
7. Cores representativas de Abaluaiê 57
8. Instrumentos de culto de Abaluaiê 57
9. Características dos filhos de fé de Abaluaiê 58
10. Pontos riscados de Abaluaiê 60
11. Pontos cantados de Abaluaiê 60
12. Comida de Santo (Orixá) e animais consagrados a Abaluaiê 62
13. Obrigação a Abaluaiê na Umbanda 62

PREFÁCIO

Foi com agradável surpresa que recebi o convite para prefaciar este livro, uma vez que não me sinto à altura de o fazer; porém, algo me compeliu a realizá-lo. Falar sobre os dois autores, acredito não ser necessário, pois os mesmos são sobejamente conhecidos, mas para aqueles que comecem a se interessar pela nossa Umbanda, uma pequena descrição se faz necessária.

Ronaldo Antonio Linares é presidente, há treze anos, da Federação Umbandista do Grande ABC, tendo trabalhado no rádio e em jornal durante mais de vinte anos com programas umbandistas. Diamantino Fernandes Trindade, além de vice-presidente da mesma Federação, é professor de várias faculdades e escritor já conhecido, através do livro “Iniciação à Umbanda” e outros livros de Química, Matemática e Tecnologia.

Ambos homens de respeito, íntegros, e que levam muito a sério a responsabilidade de passar a nossos outros irmãos os conhecimentos que adquiriram no convívio da religião.

Dissertar sobre Abaluaiê e Nanã Buruquê, que são pouco comentados ou conhecidos, chamou-me a atenção e fez com que eu não me detivesse ante o convite.

Falar sobre ABALUAIÊ é o mesmo que falar daquele nosso avô querido, companheiro de todas as horas, quando éramos crianças o orixá que a todos acolhe, pois é para o seu reino que todos nós vamos após a morte física.

Se Abaluaiê é o avô, NANÃ e a avó querida. A avó prestativa que envolve seus netos num abraço protetor, procurando dar-lhes proteção a fim de que não se machuquem nos tombos da vida. É aquela que ajuda o parto como só uma avó sabe fazer. Acredito que vocês, ao tomarem conhecimento do conteúdo deste livro, obterão tudo aquilo que sempre desejaram saber sobre esses dois orixás, tão esquecidos e desconhecidos ao mesmo tempo. Saberão suas origens, seus sincretismos, suas características e as obrigações de seus filhos. Espero que quando chegarem ao final do livro, digam comigo:

Saravá Pai Ronaldo - Saravá Diamantino - Saravá todos os orixás.

*ESMERALDA
SALVESTRO PERUSSO*
Membro do Conselho de
Culto da Federação Um-
bandista do Grande ABC.

I. INTRODUÇÃO

Neste quarto volume da série Orixás, pretendemos, a exemplo dos anteriores, falar de maneira clara e científica, sobre os orixás Nanã Buruquê, o orixá da senilidade, da velhice, do período que antecede a morte e Abaluaiê, o orixá da morte, o ponto final da existência física e o início da existência espiritual.

Nanã Buruquê representa, dentro do terreiro, a figura da vovó, da mãe, da mãe da mãe ou da mãe do pai. Às vezes generosa, terna e indulgente. Outras vezes irritadiça e intransigente, mas sempre a figura da avó. Às vezes a “vovozinha”, outras vezes “vó”.

Abaluaiê também é considerado o *médico dos pobres*, temido, odiado e adorado ao mesmo tempo, temem-no aqueles que imaginam que seus males físicos sejam conseqüências da vontade da divindade e adoram-no aqueles que, tendo uma moléstia grave, atribuem sua recuperação à interferência da referida divindade.

Uma coisa é bem clara, qualquer que seja o caso, todos fazem o possível e o impossível para atrasar o encontro que fatalmente ocorrerá com Abaluaiê.

Sobre cada orixá, falaremos das lendas africanas que os trouxeram até nós, do motivo do sincretismo religioso com

os santos católicos, das características e cores de cada um deles na Umbanda e no Candomblé e das obrigações devidas por seus filhos de fé. Mencionaremos ainda os pontos cantados e riscados e esquemas e fotos dessas obrigações.

Mais uma vez, esperamos que o nosso humilde trabalho, despretensioso e honesto, possa ser útil aos adeptos do Candomblé e da Umbanda, bem como aos leigos estudiosos e simpatizantes destes dois cultos religiosos.

Salubá Nanã Buruquê!
Atotô Abaluaiê!
Saravá pra quem é de saravá!

II. AS SETE LINHAS DA UMBANDA

De todos os assuntos discutidos na Umbanda, certamente o que mais provoca controvérsias é o das inúmeras linhas ou mais propriamente “pseudolinhas” de Umbanda, que via de regra, encontramos nos mais diferentes terreiros.

Uma pesquisa realizada junto a um grupo de 48 alunos do curso de formação de sacerdotes de Umbanda da Federação Umbandista do Grande ABC, revelou que, no cômputo geral, esses alunos conheciam 33 linhas de Umbanda.

Erroneamente, costuma-se chamar linha de Umbanda, toda e qualquer manifestação espiritual. Determinadas pessoas costumam enquadrar espíritos que em vida pertenceram a determinadas categorias profissionais, como pertencentes a uma certa linha de Umbanda. Um exemplo disso é a “linha” de baianos.

Existem ainda os que consideram as mil e uma subdivisões existentes numa mesma linha, como sendo também uma linha de Umbanda. Como exemplos podemos citar a linha de Oxosse e as “pseudolinhas” correspondentes tais como: linha das Matas, linhas de Pena Branca, linha de Jurema etc.

Na realidade, as linhas de Umbanda são apenas sete e absolutamente não comportam um universo quadrado com subdivisões exatas de sete em sete como pretendem alguns

autores, que esquecendo ou desconhecendo o papel importante desempenhado por Zélio de Moraes e pelo seu Guia Espiritual Caboclo das Sete Encruzilhadas, perdem-se em meio a um mundo de desinformações, quando a verdade está clara como água, bastando para tanto um estudo de mente aberta sobre as raízes da Umbanda, como culto de terreiro e veremos então que existe uma lógica impressionante, um crescendo notável que envolvendo os diferentes aspectos da existência humana, vai do nascimento à morte, do romper da aurora ao pôr-do-sol.

A palavra Orixá significa literalmente “Senhor da Cabeça” e como tal o Santo principal a que está ligado espiritualmente qualquer pessoa humana. “O Santo da Cabeça” que é uma expressão bastante significativa e de aceção universal, sendo bastante comum o seu uso.

Em relação ao Candomblé, há uma nítida diferenciação no que se refere aos Orixás. O umbandista parte do princípio de que todo o Orixá é Santo, mas nem todo Santo é Orixá, em virtude do plano de hierarquia, de acordo com as missões que desempenham ou desempenharam na terra.

O Santo não é a imagem, nem a história de sua vida ou de seus milagres, é um foco irradiando forças espirituais em que possa atuar, é um plano de vibrações na escala da espiritualidade, acudindo os crentes na busca do aperfeiçoamento.

Quando se fala em Orixá, no conceito africano, como força da natureza divinizada, está compreendendo uma significação semelhante ao Devo do Induísmo, paralela ao que entendemos como seres ou divindades relacionadas com o homem, mas habitando os mundos que lhes são próprios.

O Orixá, em função da sua vibração na sua falange dentro da sua linha, influi diretamente nos mensageiros espirituais que são os Guias, os quais incorporam o médium para os trabalhos a serem realizados. Na dualidade Santo-Orixá, há os que viveram e os que nunca tiveram passagens terrenas, da mesma maneira que os Anjos e Arcanjos, todos centralizando focos de magia astral que se procura fixar em símbolos, cores e características litúrgicas, como forma de entrosamento entre o crente e o plano divino. Dessa maneira, permite ao homem que, pelo uso instrumental ou material dos objetos rituais, possa fixar o pensamento para sintoni-

zar na intimidade do ser, a convicção da sua fé e ingressar na iniciação religiosa, galgando o desenvolvimento espiritual.

O Orixá age no campo astral, imperceptível ao nosso conhecimento para ser cultuado de maneira a haver entendimento pela maioria. Tem sido representado de forma perceptível aos nossos sentidos, simbolicamente, ou pertencendo a linhas divisórias de vibrações, como se dominasse determinados campos humanos ou naturalistas.

Os Orixás, na Umbanda entrelaçam-se nas linhas de cultuação, que apresentam muita controvérsia em suas denominações e divisões abrangendo reinos e falanges, de tal modo que não há uma **unidade de entendimento**, sendo geralmente **distribuídos em sete linhas**.

A Tenda Nossa Senhora da Piedade tornou-se muito conhecida pelas curas “milagrosas” e fatos excepcionais e, quanto mais esses fatos se repetiam, maior era o número de adeptos.

Assim, por inspiração do Caboclo das Sete Encruzilhadas, os médiuns mais capazes foram sendo preparados para a importante missão de levar adiante o trabalho pioneiro de Zélio de Moraes que, incentivando novos médiuns, chegou mesmo a financiar contratos de aluguéis e ser, ele próprio, fiador em muitos casos, dos imóveis onde seriam instaladas novas tendas, até que estas tivessem condições de se manterem com a contribuição dos seus próprios médiuns.

Assim foram surgindo outras tendas. A Tenda do Senhor do Bonfim, a Tenda de Umbanda Santa Bárbara, a Tenda de Umbanda Cosme e Damião, a Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Conceição, Tenda de Umbanda Nossa Senhora da Glória, inaugurada juntamente com a Tenda Nossa Senhora dos Navegantes, pois dois de seus médiuns já preparados eram filhos de Iemanjá, Orixá cujo culto até então era praticamente desconhecido. A expressão era utilizada exclusivamente pelos negros e nem sempre da mesma forma. A seguir, veio a Tenda de Umbanda São Sebastião, a Tenda de Umbanda São Jorge, seguida da Tenda de Umbanda São Jerônimo, esta dirigida pelo conhecido Capitão Pessoa, que chegou a ser apontado como iniciador do movimento umbandista, ou seja, como fundador da Umbanda. Na realidade era o Capitão Pessoa um seguidor do Sr. Zélio de Mo-

rais, tendo sido preparado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Completando, surgiram a Tenda de Umbanda Sant'Ana e finalmente a Tenda de Umbanda São Lázaro. Uma outra tenda nascida da Tenda Nossa Senhora da Piedade ganhou projeção no Rio de Janeiro, recebendo o nome de Tenda Mirim, fundada em 13 de outubro de 1924.

Inquirido por Ronaldo Linares, a respeito de todas as Tendias levarem o nome de Santos Católicos (na época o catolicismo era a religião dominante), Zélio de Moraes justificou dizendo que tinha formação católica e, que quando iniciara o culto umbandista, o fizera a mando do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Quase nada conhecia do africanismo. Em sua tenda, quase tudo que existia de africanismo se instalara em consequência da presença do preto-velho incorporado e não da presença física do elemento negro.

Embora houvesse negros desde o princípio frequentando a Tenda Nossa Senhora da Piedade, estes constituíam uma minoria, pois a maioria dos elementos negros procuravam mais os candomblés, coisa onde o branco era considerado estrangeiro na época.

Desde o início, a Umbanda nasceu caritativa. O Sr. Zélio de Moraes proibia que se executassem cobranças de trabalhos espirituais. Os membros do corpo mediúnico e os adeptos se cotizavam para fazer frente às despesas havidas e, de vez em quando alguém melhor situado na vida fazia alguma coisa mais concreta, materialmente, pela tenda, fazendo doações em dinheiro, mas cobrar por trabalhos não era permitido. Assim, quando do nascimento das primeiras tendas acima mencionadas e a delegação dos poderes para gerir essas mesmas tendas, alguns dos novos filhos de fé, a exemplo do que ocorre em outras formas de culto, desvirtuaram, em parte, os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Zélio de Moraes esclareceu que destas tendas deveriam nascer as sete linhas da Umbanda e que seriam representadas por sete cores.

A primeira linha é caracterizada pela cor amarelo-ouro bem clarinho e que seria a cor da Tenda de Santa Bárbara. O Orixá correspondente é Iansã que se caracteriza por ser um Orixá guerreiro e que domina também as águas como to-

das as Santas Senhoras, mas exerce, além disso, seu domínio sobre os raios, as chuvas e os ventos.

Iansã simboliza a força mágica capaz de afastar males e influências negativas, amparando as súplicas dos que recorrem ao seu poder vibratório, como o poder de descarregar cargas nocivas de enfeitiçamento.

A segunda linha é caracterizada pela cor rosa, correspondente a Tenda Cosme e Damião. É a linha dos espíritos das crianças, espíritos puros em corpos físicos recém-libertos do útero materno, espíritos que não tiveram oportunidade de ampla vivência em corpos físicos, considerados ainda espíritos aprendizes. O Orixá correspondente é IBEJI. A universalidade dessa cultuação religiosa abrange povos que viveram em épocas diferentes e distintas, bem como locais distanciados na face da terra, em correspondência com áreas espirituais, que envolvem todas as falanges, e foram simbolizadas nos cultos dos gêmeos. Nessa compreensão, apresenta um ritual apropriado, segundo antigas práticas, mas com suas raízes milenares no âmago espiritual de todos os povos, quando nem se pensava ainda numa estruturação dos cultos espíritas.

Os cultos africanos, introduzidos pelos nagôs e bantos trouxeram uma noção de um transe infantil, denominado “ERÊ” e uma concepção singular do Orixá Ibeji, representado por gêmeos, sob várias denominações (Alabá, Idolu, Cosme e Damião, Crispim etc). Esse transe era muito considerado pela limpeza fluídica que fazia nos filhos de fé, ao final das práticas de terreiro.

É interessante lembrar que os grandes homens também já foram crianças. Como existem as outras falanges de caboclos e pretos-velhos, existem também as falanges de crianças, sendo esta a única falange que consegue realmente dominar a magia, devido à pureza de suas vibrações.

A terceira linha é caracterizada pela cor azul. Esta é a única linha que possui mais de uma representação, com vários santos católicos sincretizados com ela, a saber: Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora dos Navegantes e Nossa Senhora da Guia. O Orixá correspondente é IEMANJÁ. Esta linha é também a primeira a ter um nome negro o que significa “Mãe Peixe”. A cor

azul de Iemanjá lembra o período em que a vida é gerada no útero materno, é o próprio e complexo ato da fecundação, seguido do período de desenvolvimento do feto no meio aquoso salino. Daí o ser confundido ou bi-partido, dando-se à Nossa Senhora da Conceição, a mãe de Jesus, o sincretismo com o Orixá da água-doce ou potável, dos rios e cachoeiras, o Orixá OXUM.

Iemanjá é o Orixá que possui maior cultuação e os milhares de adeptos a homenageiam coletivamente ao findar e iniciar de cada ano fazendo a entrega das oferendas apropriadas. É seguramente, a maior demonstração popular religiosa no Brasil ao despontar o primeiro de janeiro de cada ano.

Oxum é o Orixá que domina a água-doce e o arco-íris e as suas ligações. Porém exerce o domínio mais acentuado nas cachoeiras, num sentido geral de purificação. Consolida no filho de fé a força mágica (AXÉ) pelas vibrações que o envolvem, ou fortificando a mediunidade nos banhos de cachoeira.

A quarta linha é caracterizada pela cor verde, representativo da Tenda de São Sebastião. Representa o elemento verde da natureza, as matas e o povo que nela habita, os chamados índios e seus mestiços, os caboclos. O Orixá correspondente é OXOSSE. O culto a Oxosse envolve uma vasta falange de caboclos, que representam o elemento jovem, o espírito idealista, sendo honestos e desinteressados. Os guias-chefes recebem várias denominações.

Na Umbanda, esse Orixá recebeu ou absorveu a cultuação dedicada a Ossanha, bem como as suas prerrogativas no campo das ervas medicinais, sendo de muita expressão nessa magia das plantas.

É compreendido ainda como desbravador das almas, no aspecto espiritual, daí o sentido e força na manifestação dos Caboclos e de suas falanges, numa altivez encorajadora dos filhos que ficam animados pela segurança dessas vibrações firmes.

Oxosse, através dos fluidos das ervas, prepara e limpa com os seus banhos todas as vibrações inferiores, harmonizando as vibrações com perfumes e aromas florais. É o uso da força vital cósmica em relação às épocas lunares ou sola-

res, que se refletem nas matas e na seiva das plantas, em consonância com as revoluções do sol e da lua, como na Igreja Católica determinam os ciclos das festas dos Santos.

Em seus trabalhos, os caboclos controlam o íntimo dos consulentes com aplicações de fluidos perfumados das matas, controlando os impulsos instintivos de cada ser. Com esta ordem de emanções hauridas das matas, coloca em planos intermediários, determinadas vibrações para começar a cortar a magia no astral.

É o equilíbrio das forças ante a magia e a demanda. É a força cósmica da natureza comandando a mente por intermédio dos aromas e princípios curativos das ervas, inclusive da descarga humana, através dos banhos e defumações purificadoras que recebem das matas, os elementos primordiais dessas magias.

A quinta linha é caracterizada pela cor vermelha, representando a Tenda São Jorge. O Orixá correspondente é OGUM, patrão da força que garante a execução da lei. É a força aplicada à manutenção da ordem, é constituída pelos espíritos de militares.

Ogum é um Orixá muito considerado na Umbanda, apresentando várias entidades que se manifestam nos terreiros de Umbanda sob os mais variados nomes, entre eles Ogum Beira-Mar, Ogum Rompe Mato, Ogum Nagô, Ogum Sete Ondas, Ogum Iara etc.

Ogum simboliza o vencedor de demandas com vibrações positivas, escolhido para combater as forças do mal, luta contra as magias antepondo-se aos Exus. Com sua espada corta a demanda sem interferência do corpo material magiado. Com ela atinge o alvo de mais alta expressão nos campos da magia.

Ogum determina a luta nesses setores vibratórios de batalhas enfrentando todos os planos de malefícios para aliviar o corpo magiado ou a mente ensombrada pelo reino das trevas.

A sexta linha é caracterizada pela cor marrom, representando a Tenda São Jerônimo. Esta linha é constituída pela força da justiça. Seu Orixá correspondente é XANGÔ e significa a força que resolve as pendências, dando a quem é devido o que lhe é de direito. É sempre representado como o

homem no apogeu de seu desenvolvimento físico e mental, o homem maduro.

Na Umbanda, Xangô é comumente representado pela imagem de Moisés de Michelângelo, tendo ao lado o leão submisso que significa a vitória da razão sobre a força.

A invocação de Xangô envolve desde os Doze Apóstolos a todos os Santos Velhos, evidenciando a sabedoria que só o tempo e a experiência coroam, conjugando-se na sublimação da justiça, em consonância com os signos zodiacais.

No apelo comum a Xangô afluem as forças poderosas que reluzem qual relâmpago na continuidade do trovão, cujo domínio está sob seu poder e tem no sílex ou meteorito o simbolismo imutável, inflexível da justiça, sob cuja égide é invocado.

Xangô simboliza a lei de causa e efeito lembrando o Carma, como o ribombar do trovão quebra o silêncio envolvente, como ecoa na mata o estrépito da árvore abatida pelo machado, ou estronda a pedra que rola na cachoeira.

Recorrem a Xangô todos os injustiçados, elevando as vibrações de suas preces e apelos, confiantes num amanhã de redenção espiritual.

A sétima linha é caracterizada pela cor violeta ou roxo, correspondente a Tenda de Sant'Ana que representa o elemento velho e senil. É o período em que consciente de toda a sua existência, mas já ocupando um corpo gasto, o indivíduo espera a libertação que virá com a morte.

O Orixá correspondente é NANÃ. Este Orixá é considerado como a Senhora Suprema da Umbanda, também invocada como Nanaburoque.

O culto que lhe é dirigido é mais restrito, assim como a sua invocação é menos pronunciada, entretanto, são altamente considerados os filhos de Nanã, os quais se revelam calmos, pacientes e ponderados. Representam, entretanto, uma torrente de forças e segurança na direção dos trabalhos, sendo Nanã carinhosamente chamada pelos adeptos de Vovó da Umbanda.

Finalmente temos a cor negra, correspondente à Tenda de São Lázaro. É a ausência da cor e da luz da vida. Zélio de Moraes explica que as cores branco e preto não fazem parte das sete linhas, pois o branco que é a presença da luz, existe

em todas elas e o negro, que é justamente a ausência da luz, está justamente na falta delas.

O Santo Católico São Lázaro é sincretizado com o Orixá ABALUAIÊ ou OMULU. Esse Orixá chefia a falange dos mortos, mas não no sentido distante, de muito tempo, por ser uma divindade ligada à terra, que procede à purificação material dos corpos, através de suas vibrações especiais como que surdas e melancólicas, que ajudam a despir o envoltório grosseiro do físico sujeito às vicissitudes e à morte.

Este Orixá encaminha as almas dos recém-falecidos e delas absorve os fluidos que se exalam da substância material, no terra-a-terra aderido ao nosso planeta, daí sua ligação aos cemitérios onde se condensam as vibrações desse gênero, como também nos cruzeiros locais.

Contribui, assim, para o desenvolvimento do espírito na sua libertação do corpo carnal. É um Orixá que protege, não tem o caráter vingativo que lhe pretendem atribuir, é uma porta que se abre nos trabalhos para desfazer magias maléficas, porém exigindo muito conhecimento e segurança dos que trabalham no seu campo vibratório, sem precisar de certas matanças impressionistas, porque já dispõe, no seu próprio campo, dos fluidos cadavéricos necessários à sua atuação.

Este Orixá é conhecido ainda pelos nomes de XAPANÃ, ATOTÔ, OMULU e BABALU.

O Orixá maior da Umbanda é OXALÁ. O respeito profundo e a forma superlativa do nome - Oxalá - já ressalta em si mesmo ser mais que Orixá, pois é o Supremo, o Chefe para o qual convergem todas as linhas, assim perfeitamente identificado na invocação com Jesus Cristo.

Nas contas brancas dedicadas a Oxalá, sobressai o sentido de pureza, sem mácula, nessa cor que é a síntese de todas as cores irmanadas, ressaltando nesse simbolismo convergente a Força Máxima da Umbanda, que constitui a Linha Suprema, onde se abrigam todas as linhas e falanges, pois o seu poder é bem maior.

Posteriormente faremos uma obra especializada sobre o nascimento da Umbanda como culto de terreiro e a personalidade do pioneiro Zélio Fernandino de Moraes.

Uma introdução ao assunto pode ser encontrada no livro "Iniciação a Umbanda" desta mesma editora.



Zélio de Moraes, o Pai da Umbanda

III. NANÃ BURUQUÊ

1. LENDA AFRICANA SOBRE NANÃ BURUQUÊ

Segundo Pierre Verger, Nanã Buruquê é uma divindade muito antiga e é cultuada numa vasta área africana.

Nanã Buruquê é conhecida também pelos nomes de Nanã Buruku, Nanã Bukuu, Nanã Brukung ou ainda Brukung.

Numa região chamada Ashanti, o termo Nanã é utilizado para as pessoas idosas e respeitáveis e significa “mãe”.

Verger cita a existência de várias divindades como o nome inicial de Nanã ou Nenê. Essas divindades recebem o nome de Inie e desempenham o papel de deus supremo. Em todos esses Templos há um assento sagrado salpicado de vermelho, em forma de Trono ashanti, reservado à sacerdotisa de Inie, no qual só ela pode tocar. Todos os iniciados ligados ao Templo têm grandes bengalas salpicadas de pó vermelho e, em torno do pescoço usam trancinhas (cordinhas trançadas) sustentando uma conta achatada de cor verde.

Várias são as lendas sobre Nanã Buruquê. Pierre Verger faz referência a uma pesquisa datada de 1934, redigida por J. C. Guinness. Essa pesquisa foi feita na região do Adélé, através de um informante do Kotokoli.

“Na fronteira dos países Haussa e Zaberima (Djerma) há um rio chamado *Kwara* (Niger) que deu seu nome a uma cidade situada às suas margens. Em uma gruta, no fundo do rio, vivia outrora um grande ídolo chamado *Brukung* e com ele viviam sua mulher, seu filho e um homem chamado *Langa*, que era criado de *Brukung*. Viviam todos juntos na gruta. Na cidade de *Kwara* vivia um homem chamado *Kondo*, um homem bom que era conhecido, mesmo nos locais mais distantes, pelo nome de *Kondo Kwara*. Tinha o costume de todos os dias colocar oferendas de galos e de pito (beberagem) e algumas vezes um carneiro nas margens do rio onde *Langa* vinha pegá-los e os levava para a gruta debaixo d’água. Um dia, porém, um grupo de pescadores haussa veio da Nigéria para pescar no rio *Kwara*. Roubaram as oferendas e *Kondo* ficou tão contrariado que foi para Gbafolo, na região Kotokoli, e instalou-se com sua família em Dkipileu, a seis ou sete milhas dali. *Brukung*, por sua vez, foi viver em uma gruta na floresta próxima de Dkipileu, *Kondo* soube disso e recomeçou a colocar suas oferendas. *Langa* reapareceu também, trazendo assentos que fizera na gruta de *Kwara*. Mais tarde *Kondo* reencontrou *Brukung*. Porém, pouco tempo depois, uma invasão ashanti obrigou *Brukung* e os seus a refugiarem-se em Shiari.”

Nanã Buruquê é conhecida no Novo Mundo, tanto no Brasil como em Cuba, como a mãe de Abaluaiê. É considerada como a mais antiga das divindades das águas. Sua atuação se faz sentir sobre as águas dos lagos e da lama dos pântanos.



Nanã Buruquê como é vista pelos cultos africanos.

2. RESUMO DA VIDA DE SANT'ANA

Os relatos sobre os pais de Maria, Ana e Joaquim, são muito escassos no Evangelho. Os chamados textos apócrifos, como o livro de São Tiago (150 d.C.) nos trazem dados mais substanciosos á respeito de Ana e Joaquim.

Em função dessa falta de dados no Evangelho, muitas vezes encontramos dados copiados da Sagrada Escritura, á respeito de Ana (mãe de Samuel).

A Sagrada Escritura nos conta que a mãe de Samuel (Ana), na aflição da esterilidade que lhe tirava o privilégio da maternidade, dirigiu-se com muita fé em oração ao Senhor e prometeu consagrar ao serviço de Deus o futuro filho. Quando obteve a graça, após ter dado a luz ao pequeno Samuel, levou-o a Silo, onde estava guardada a arca da aliança e o confiou ao sacerdote Eli, após tê-lo oferecido ao Senhor. Em função dessa narrativa, o livro apócrifo de São Tiago, conta a história dos pais de Maria, Ana e Joaquim.

Segundo Tiago, Ana e Joaquim residiam em Jerusalém, nas proximidades do templo e eram judeus piedosos. Ana e Joaquim formavam um casal justo e observante das leis judaicas. Joaquim era um pastor próspero e o casal possuía certa fortuna que lhes proporcionava uma vida tranqüila. Dividiam suas rendas anuais em três partes: uma era conservada para o próprio sustento; a segunda era destinada ao culto judaico e a terceira parte era distribuída entre os pobres.

Contudo, a despeito das suas virtudes, Joaquim e Ana não tinham sido abençoados por Deus com filhos e, um dia, quando Joaquim foi ao Templo para fazer suas oferendas, o sacerdote Rubem, reprovou-o pelo fato de não gerar filhos, chamando-o de indigno, uma vez que ele era o único sem descendência entre as Tribos de Israel.

Joaquim retirou-se para o deserto para rezar, onde jejuou e orou por quarenta dias. No fim desse período, Joaquim em seu retiro e Ana em Jerusalém, receberam a visita de anjos que lhes disseram que Deus havia ouvido os seus pedidos. O anjo disse a Ana: “o Senhor ouviu teu choro. Conceberás e darás à luz e, por toda a Terra, se ouvirá falar de Maria, a tua filha”.

Quando Joaquim voltou à Jerusalém, Ana que fora avisada de sua chegada, correu para saudá-lo e atirou-se em seus braços exclamando com muita alegria: “Agora sei que o Senhor derramou sua bênção sobre nosso lar; pois eu era como uma viúva, era estéril, mas agora meio seio já concebeu, seja bendito o Altíssimo!”.

Ana fez o voto de consagrar a menina prometida por Deus ao serviço do Templo. Mais tarde, Maria foi levada pelos pais Joaquim e Ana para o Templo, onde foi educada, ficando aí até o tempo da união com José.

A tradição não dá notícias sobre a morte de Joaquim e Ana.

O culto deles foi muito difundido na Igreja desde o século VI. No Brasil, o culto a Sant’Ana é muito conhecido. Ela mereceu o título que só é reservado à sua Filha, isto é, Senhora Sant’Ana.



Senhora Sant'Ana

3. SINCRETISMO RELIGIOSO

Sendo considerado o mais velho orixá feminino do panteão africano, Nanã Buruquê facilmente encontrou em Sant'Ana, a avó de Jesus e a mãe de Maria, a mais antiga santidade do ageológio católico, similitude.

O negro africano escravizado, era obrigado, como já dissemos em volumes anteriores, a aceitar a cultura e a religião imposta pelo branco dominante. Ora, a avó de Jesus, que era Deus segundo lhe explicavam os padres católicos, só poderia ser comparada à velha Nanã, afinal não cabia a Nanã a função de zelar pelo final de suas vidas?

Os cristãos, em geral, e a igreja católica apostólica romana, em particular, fazem apenas referências vagas quanto aos antecessores de Sant'Ana. A história sagrada parece se deter apenas nos acontecimentos relativos a São Joaquim e Sant'Ana, pouco ou nada revelando sobre as origens que permanecem envoltas em uma névoa de mistério conforme já vimos no capítulo anterior.

4. CARACTERÍSTICAS DE NANÃ BURUQUÊ

A mais velha das senhoras da água e, conseqüentemente, a mais experiente e amorosa dos Orixás é, ao mesmo tempo, ponderada e intransigente. Nanã Buruquê é também muito ciosa e possessiva, qualidade esta que transmite aos seus filhos de fé. É confundida muitas vezes com o próprio Abaluaiê que, segundo algumas lendas africanas, seria seu filho. Na verdade, ela é a soma maior de conhecimentos e de experiência que um ser divino ou mortal possa conhecer, o que faz do orixá algo todo especial. Por exemplo, acredita-se que a soma de tantos conhecimentos adicionado ao cansaço do corpo físico facilita a transição ou a transposição da ponte que existe entre a vida e a morte.

Se imaginássemos esta ponte como existindo fisicamente, nós teríamos, de um lado do rio, a figura de Nanã. A paisagem do lado de cá seria uma paisagem de desolação, das plantas velhas e murchas, mas a paisagem do outro lado, dessa mesma ponte ou seja Abaluaiê, seria o frio e a escuridão total.

Nanã, como todas as iabás ou m̃es d'água, é também considerada o orixá das chuvas, não ao estado de chuva como por exemplo Iansã (Senhora das Tempestades), mas sim o orixá de uma forma mais ampla e geral e, curiosamente é muito raro a realização da obrigação à Nanã sem a presença da chuva. Como curiosidade, em várias ocasiões quando no dirigíamos ao rio Branco (São Paulo) para a obrigação à Nanã, pudemos documentar um fato curioso: a chuva era intermitente, cessava quando se fazia a oferenda e recomeçava quando se fazia a consagração dos filhos de fé.

Nanã é também considerada a “deusa da lama” visto que como a sua obrigação é dada num rio que morre no mar, quase sempre suas margens estão enlameadas pelas variações das marés.

5. DATA COMEMORATIVA DE NANÃ BURUQUÊ

Em todo Brasil, é aceita como data comemorativa de Nanã, aquela estipulada pelo calendário católico apostólico romano. Sant'Ana é festejada unicamente a 26 de julho.

Nanã é uma entidade que praticamente não tem culto exterior, a exemplo do que acontece com outros orixás.

Os filhos de fé mais dedicados, nesta data, costumam fazer oferendas em esteiras, nas proximidades da foz de um rio.

6.SAUDAÇÃO A NANÃ BURUQUÊ

No Brasil, quer na Umbanda, quer no Candomblé, a sua saudação é uma só:

— Salubá Nanã!

Ao que os filhos de fé respondem:

— Salubá, Nanã Buruquê! Salubá!

7. CORES REPRESENTATIVAS DE NANÃ BURUQUÊ

Na umbanda, a cor aceita é praticamente, sem discussões, a cor roxa, utilizada no manto e nos trajes de Sant'Ana. A tradição é tão forte que ainda no dias de hoje, geralmen-

te, a mortalha ou a renda que cobre o corpo dos mortos é roxa ou negra. Lembramos também que a cor utilizada até recentemente nos trajes cardinalísticos era predominantemente roxa. Na gíria carioca, irreverentemente, chama-se de cardeal ao sambista ou malandro que até a década de 50 aparecesse elegantemente trajado de terno branco, sapatos, polainas e meias roxas.

No Candomblé, as cores são muito variadas, em virtude das diferentes nações africanas mas, em quase todos os cultos de nações autênticos, são utilizadas variações de cor azul sempre acompanhadas do branco.

Nos trajes ritualísticos, geralmente mais simples que os demais orixás, utilizam-se também tecidos estampados nas cores mencionadas.

Mais recentemente, temos encontrado alguns candomblés “DE PAETÊS, PLUMAS E LANTEJOUHAS”, que apresentam variações que vão do lilás ao roxo grená. Geralmente luxuosas, estas vestimentas são confeccionadas em tecidos mais sofisticados. Chegamos a ver uma indumentária para Nanã, em veludo lilás, tão luxuosa que dir-se-ia digna de um rei.

8. INSTRUMENTOS DE CULTO DE NANÃ BURUQUÊ

Na Umbanda, o único instrumento de culto destinado ao orixá Nanã, é a guia feita com contas de porcelana roxa, intercaladas com cristal de miçangão branco.

No Candomblé, o principal instrumento de culto é o ebiri que deriva da bruxuleante figura da vassoura mágica. A princípio, o ebiri era apenas uma vassoura feita com talos da folha do dendezeiro e que simbolizava a varredura dos restos dos mortos. Difere do *xaxará* de Abaluaíê pelo nome, sendo que este é mais reto que o ebiri.

No presente, o ebiri é um instrumento decorativo que pouco ou nada lembra a vassoura de outrora. Ele é confeccionado com talos de folha de palmeira, de forma tal, que a parte mais grossa dos talos fiquem todos na base, dando à peça uma forma cônica. A parte mais fina é torcida e amarrada no meio, lembrando um cabo de guarda-chuva. Sobre estes talos é tecida com palha da costa, uma renda que os

envolve totalmente. Utilizam-se ainda contas de miçangão brancas, azuis ou roxas para decorar o ebiri que às vezes recebe também duas ou três cabaças decoradas como complemento. Búzios também são utilizados nessa mesma decoração, o que acaba resultando num objeto agradável aos olhos e muito procurado pelos turistas estrangeiros que, ignorando o seu fim religioso, levam-no apenas para fins decorativos.

Além do *adê* (coroa característica) e do *filá* (cortina de contas e lantejoulas que oculta o rosto do orixá manifestado), não se encontram outros objetos característicos de Nanã.

Nos candomblés, Nanã dança segurando o ebiri como quem segura uma criança. Sua dança é mais lenta que os demais orixás, como se embalasse um bebê. Mais recentemente, traz no outro braço, um buquê de flores nas cores do orixá.

9. CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE FÉ DE NANÃ BURUQUÊ

Nanã é um orixá velho, o mais velho dos orixás femininos e talvez por isso seja o orixá mais amoroso e também o mais egoísta. Os filhos de Nanã são muito possessivos e tendem a cercar seus amigos.

São exclusivistas e não admitem dividir suas idéias. Dedicam-se sem reservas, a seus amigos e parentes, porém, procuram sempre criar barreiras para que os mesmos encontrem novas amizades e novos caminhos.

São rabugentos e costumam guardar no seu íntimo, tudo aquilo que lhe fazem. O filho de Nanã jamais esquece o que lhe fazem, mesmo que depois lhe peçam desculpas. Ele sempre comenta e toca no assunto quando houver oportunidade.

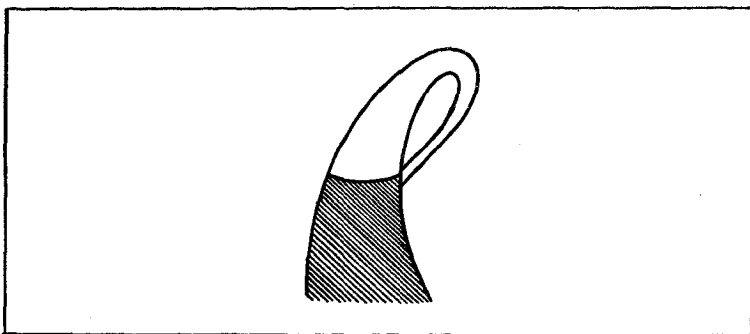
Gostam de estar rodeados de amigos, porém, não abrem mão de sua presença, fazendo questão de que seja notada e comentada.

Vestem-se muito bem e possuem um pouco de intransigência (de Ogum). São resmungões e acham dificuldade em tudo que precisam fazer, esperam sempre que os outros façam ou resolvam seus problemas. São muito ladinos, sempre acham uma maneira para que os outros façam suas coisas.

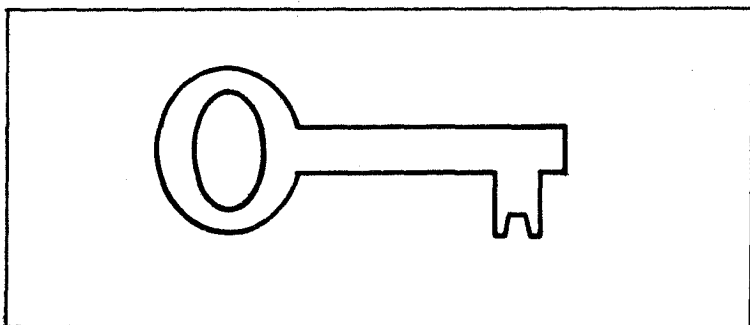
Por serem demasiadamente possessivos, não admitem que seus filhos e familiares mais próximos tomem decisões sozinhos, ou que seus companheiros saiam sós.

10. PONTOS RISCADOS DE NANÃ BURUQUÊ

Os pontos riscados de Nanã são:
O EBIRI que representa o orixá.



A CHAVE, fruto de uma confusão do orixá Nanã com a figura de São Pedro que teria as chaves do céu.



11. PONTOS CANTADOS DE NANÃ BURUQUÊ

O ponto cantado, em sua letra singela, é apenas uma oração, uma reza cantada a Nanã Buruquê ou qualquer outro orixá. Citamos alguns pontos do Candomblé, normalmente chamados de “Cantigas ou Ingorossis”, extraídos do

trabalho “Melodias Registradas Por Meios Não-Mecânicos, Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal de São Paulo, 1º volume, 1946.

Já na Umbanda, contamos com centenas de pontos cantados, dos quais reproduziremos os mais populares.

ANIÇALÊ DA KAIÁ
(Naná)

Bahia, capital

Candomblé (kêto)

M^o ♩ = 80

A - ni - ça - lê da Ka-iá É ná-

-ná da Ka-iá ná - ná ó Iú-ó

NANÁ O KÚ ABÓ
(Naná)

Bahia, capital

Candomblé (kêto)

M^o ♩ = 80

Na ná o Kú a - bó bê ré o

Na - ná o kú a bó a bê ré - o

ÊPA - ÊPA
(Naná)

Bahia, capital

M^o ♩ = 92

Ê pá Ê Ebiri ná é lu-a é Ê-pé pá ó ná ná e lu.a ó

ACALANTO

Em todo o Rio Grande do Sul

Acalanto

Se-nhe ra Sant Ana Passou por a qui No seu cava - linho Comendo ca-

-pim De-ram-lhe pão Disse que não De-ram-lhe vinho Disse que sim

PONTOS DE NANÁ BURUQUÊ NA UMBANDA

QUERÊ QUERÊ SALUBÁ QUERÊ QUERÊ
SALUBÁ NANÁ BURUQUÊ
SARAVÁ SAPATÁ SUSSURÊ
QUERÊ QUERÊ SALUBÁ QUERÊ QUERÊ
QUERÊ QUERÊ SALUBÁ QUERÊ QUERÊ
SALUBÁ NANÁ BURUQUÊ
SARAVÁ SAPATÁ SUSSURÊ
QUERÊ QUERÊ SALUBÁ QUERÊ QUERÊ

QUEM VEM DE ARUANDA É NANÁ
NANÁ BURUQUÊ
NA FÉ DE MEU PAI OXALÁ..
MEU PAI OXALÁ
PRÁ VER OS SEUS FILHOS NANÁ
NANÁ BURUQUÊ SALUBÁ

SÃO FLORES NANÁ, SÃO FLORES
SÃO FLORES, NANÁ BURUQUÊ
SÃO FLORES NANÁ, SÃO FLORES
SÃO FLORES, NANÁ BURUQUÊ
SÃO FLORES NANÁ, SÃO FLORES
SÃO FLORES DE ABALUAIÊ
SÃO FLORES NANÁ, SÃO FLORES
SÃO FLORES DE ABALUAIÊ

12. COMIDA DE SANTO (ORIXÁ) E ANIMAIS CONSAGRADOS A NANÁ BURUQUÊ

Nos candomblés mais antigos, é comum servir-se a Naná carneiro, galinha, conquém (galinha d'Angola), cabra, acaçá (bolo de milho ou arroz, cozido em ponto de gelatina), aberém (bolo semelhante ao acaçá, feito no formato de bolas), sempre com os tradicionais condimentos.

Por tradição, não se usam talheres nas festas para Naná, usando-se apenas as mãos. Usam-se às vezes, folhas de mamona ou bananeira.

13. OBRIGAÇÃO A NANÁ BURUQUÊ NA UMBANDA

As obrigações são atos litúrgicos ritualísticos ou oferendas que o filho de fé “SE OBRIGA” a efetuar, com relação a determinado orixá ou guia espiritual, visando conseguir determinado objetivo.

Dentre as obrigações, podemos destacar as três principais:

O primeiro tipo de obrigação é muito usual na Umbanda e é realizada pelas pessoas que pedem ajuda espiritual junto a uma determinada entidade. Esta entidade informa então, a pessoa, da obrigação que deverá realizar para alcançar o seu pedido.

O segundo tipo de obrigação é aquela que realizamos em consequência de algum trabalho maligno que nos tenha sido “mandado”. A entidade que o promoveu, determina a obrigação que deve ser realizada para neutralizar o trabalho anterior. Uma outra entidade, que não realizou o trabalho, pode determinar o trabalho a ser realizado.

O terceiro tipo de obrigação é a obrigação ao orixá. É a obrigação mais complexa pois, exige um sacrifício maior da parte de quem dá a obrigação.

Esta obrigação é dada pelos médiuns que almejam o sacerdócio umbandista ou por aqueles que desejam uma melhor firmeza nos trabalhos ou ainda uma melhor relação com os seus principais orixás.

Esta obrigação exige um conjunto de práticas religiosas que requerem, por parte do médium, um desprendimento e uma dedicação muito grandes.

Nestas obrigações, o médium deve manter abstinência de carne (inclusive peixe), álcool e sexo por sete dias, para que possa manter vibrações originais e uma maior harmonia com o orixá.

Além disso, estas abstinências propiciam ao médium uma desintoxicação e, consequentemente uma purificação do seu organismo, favorecendo ainda a força de vontade.

O médium deve se abster de sexo, não porque seja “pecado” e sim porque num relacionamento sexual existe uma troca de vibrações e humores que persiste durante algum tempo e altera a vibração original dos participantes.

O médium deve ainda, se abster da incorporação, para que não reste a vibração da entidade manifestante. Deve ainda, evitar de comparecer a hospitais, velórios, enterros e ao próprio terreiro onde trabalha, para que não absorva vibrações estranhas à sua própria.

Nos seis dias que precedem a obrigação, o médium deverá, antes de se deitar, fazer o seu banho de higiene e logo após, o banho de ervas que varia conforme o orixá. Após o banho, o médium deve se defumar com ervas e resinas concenteres a cada orixá.

No dia da obrigação, o médium deverá também fazer o banho e a defumação antes de sair para o local desta.

As ervas resultantes dos banhos e os restos das defumações devem ser despachados em água corrente.

Após o banho e a defumação, o médium se deitará na esteira e ficará sozinho no quarto. O uso da esteira se deve à tradição, pois no passado, a quase totalidade da população pobre do país (principalmente escravos) dormiam em esteiras. Até mesmo Jesus dormia em esteiras conforme relata a Bíblia Sagrada:

“A Sagrada Família vivia modestamente, mas confortavelmente. A casa pequena e sólida, provavelmente tinha poucos quartos. O mesmo cômodo servia de sala de jantar durante o dia e à noite, esteiras eram colocadas no chão, convertendo-o em dormitório da pequena família”.(Texto extraído do encarte da Bíblia Sagrada - Edição da Enciclopédia Barsa.)

Usamos geralmente esteiras de taboa, que são confeccionadas com múltiplos talos secos desta planta aquática e, que por conter ar em suas células, constituem um excelente material isolante e ao mesmo tempo relativamente confortável.

Nestas obrigações, o médium deverá ter muito cuidado com o material que será ofertado, procurando, dentro de suas possibilidades, ofertar o melhor possível, o mais limpo e o mais bem confeccionado.

A obrigação será sempre oficiada pelo Babalaô, secundado por Ogãs. Antes de cada obrigação é dado o “Paô” para Exu para que não haja interferência negativa na obrigação.

No Paô, o Babalaô oferece uma garrafa de “marafó” e um charuto, num local de terra previamente fixado com sal grosso, ao seu Exu. Em seguida, acende uma vela preta e vermelha. Os demais membros da obrigação, oferecem uma

vela e saúdam o Exu, retirando a luz da vela do Exu do Balaô. Logo em seguida, cada médium lava as mãos com amaci para isolar todas as vibrações procedentes da esquerda.

COMPOSIÇÃO DOS BANHOS

- Caroba ou Carobinha
- Capim Santo
- Guiné Pipiu
- Picão da Praia
- Alecrim do Campo
- Manjerição do Campo
- Alfazema

DEFUMAÇÃO

- Rosa Branca
- Incenso
- Mirra
- Benjoim
- Alfazema ou Alecrim
- Pichuri ou Noz-Moscada
- Cravo-da-índia

MATERIAL NECESSÁRIO

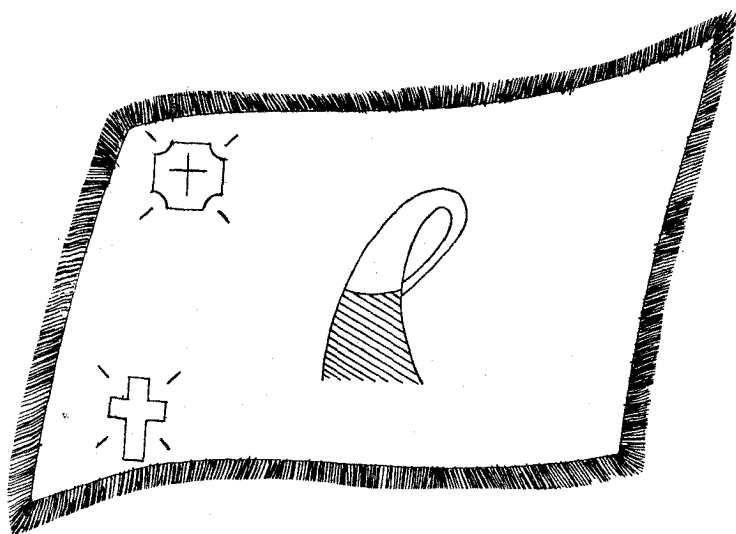
- 1 vela preta e vermelha
- 1 vela de quarta branca
- 7 velas roxas
- 1 vela de cera branca
- 7,5 metros de fita roxa ou branca
- 1 alguidar número 000
- 1 esteira
- 1 guia
- 1 caixa de fósforos
- 1 champanha rosé
- flores brancas ou roxas
- 1 toalha

As fitas devem ser atadas nas velas com muito cuidado e carinho.

A toalha deve ser feita em tecido branco; no centro deverá ser bordado um ebiri e, em cada canto uma cruz; o ebiri, as quatro cruzes e o babado, deverão ser de cor roxa. A toalha deverá ter no mínimo 70 X 70 centímetros e o material da toalha, o tipo de bordado e tudo o mais, deverá ser de acordo com o gosto do filho de fé.

Como as flores roxas são difíceis de serem encontradas, os filhos de fé podem tingi-las artificialmente, usando violeta genciana ou corante para cobertura de bolos.

MODELO DA TOALHA



SEQÜÊNCIA DA OBRIGAÇÃO

Na semana que antecede a obrigação, os filhos de fé devem preparar uma armação de madeira para servir de base

para a esteira, afim de que a mesma flutue melhor quando colocada na água. Esta armação é feita de acordo com o gosto do filho de fé.

A obrigação a Nanã é dada às margens de um rio, e em local onde os filhos possam deslizar a esteira para a água após a consagração. Chegando ao local da obrigação e, após ser dado o Paô a Exu, os filhos de fé devem montar a armação e fixar a esteira na mesma; em seguida, todos os filhos devem passar pela defumação, e depois devem colocar a sua esteira à beira do rio; sobre a esteira deverá colocar a toalha; a posição correta da toalha é com o ebiri em pé, em frente ao filho de fé; no canto direito inferior da toalha e sobre a esteira, deverá ser colocada a vela de quarta que, quando for acesa, deve ser oferecida ao Anjo da Guarda; no canto esquerdo superior da toalha, e também sobre a esteira, será fixada a vela de cera branca que, quando estiver acesa deverá ser oferecida a Oxalá; ao redor da toalha, e sobre a esteira, serão distribuídas as sete velas roxas. Em volta da toalha deve-se arrumar as flores.

Antes de acender as velas, o filho de fé deverá abrir a garrafa de champanha e dirigir-se onde está o Pai Espiritual; neste local, encontra-se o alguidar com as guias, que estará iluminado por sete velas roxas, e as guias estarão enroladas imitando ninhos, por ser Nanã o Orixá mais velho, protetor das famílias e da mulher grávida. O filho de fé deverá cruzar o alguidar com a champanha por OLURUM - OXALÁ E IFÁ, e em seguida retornar ao seu lugar, colocando a garrafa do seu lado direito, acendendo as velas, a começar pela de quarta, depois a de cera e a seguir, as roxas. Após acender todas as velas ajoelha-se e fica em posição de prece, segurando o pequeno alguidar em suas mãos. Assim que o Pai Espiritual iniciar a consagração, todos devem cantar pontos de Nanã. Na hora da consagração, do filho de fé, o Ogã se aproximará trazendo o alguidar com as guias, e ficará ao lado esquerdo do filho; quando o Pai Espiritual se aproximar, o filho de fé abaixará a cabeça e levantará o pequeno alguidar na altura do rosto para que o mesmo possa receber parte do curiador que vai consagrá-lo. O Pai Espiritual toma em suas mãos uma das guias que está no alguidar submersa no curiador, e pronuncia a frase:

— “A QUEM EU CONSAGRO ESTE(A) FILHO(A)?”

Ogã responde:

— “A NANÃ”, MEU PAI!”

O Pai Espiritual torna a perguntar:

— POR QUEM CONSAGRO ESTE(A) FILHO(A)?

— “A NANÃ, MEU PAI” — responde o Ogã.

Neste momento o Pai Espiritual coloca a guia no pescoço do filho de fé e, com a garrafa de champanha nas mãos, pede a Oxalá e permissão para consagrar este filho, e em seguida cruza sua cabeça com o curiador em nome de OLO-RUM — OXALÁ e IFA, enquanto o Ogã responde com a saudação: — “SALUBÁ NANÃ BURUQUÊ”.

Quando o Pai Espiritual acabar de cruzar a cabeça do filho de fé, o Ogã cobre-lhe a cabeça com a toalha.

O filho de fé deverá permanecer nesta posição até que todos tenham sido consagrados, e com a cabeça coberta até o fim dos trabalhos. Quando o último filho de fé for consagrado, o Pai Espiritual dará ordem para que todos se levantem. Antes que isso aconteça, o filho de fé deverá colocar o alguidar sobre a toalha e rodear a mesma com a champanha que sobrou, saudando Nanã. Assim que o Pai Espiritual der a ordem, fará a saudação “Ê SALUBÁ NANÃ”, por três vezes. Na terceira vez, o filho de fé pegará a sua vela de quarta na mão e empurrará a esteira para que ela flutue na água. Depois de todos os filhos fazerem o mesmo, espera-se que as mesmas tomem a força da correnteza. Quando elas principiarem a se afastar da margem, o filho de fé procurará o seu otá, deixando a sua vela de quarta onde o encontrar. Se o filho de fé avistar o seu otá na beira d’água, ou dentro dela, poderá pegá-lo, desde que procure outro em outro local para deixar a vela.

Terminada esta parte, continuará fazendo o preceito até o meio-dia do dia seguinte.

A obrigação de Nanã é feita quase na foz do rio porque o Orixá Nanã é um elemento velho, quase no fim da vida, representando a transição do fim da vida material e o início da vida espiritual. O fim do rio é o começo do mar.

OBRIGAÇÃO A NANÃ

Vela de cera
canto **esquerdo**
superior, sobre a
esteira.

Rio

Sobre a toalha
distribuir as flores.

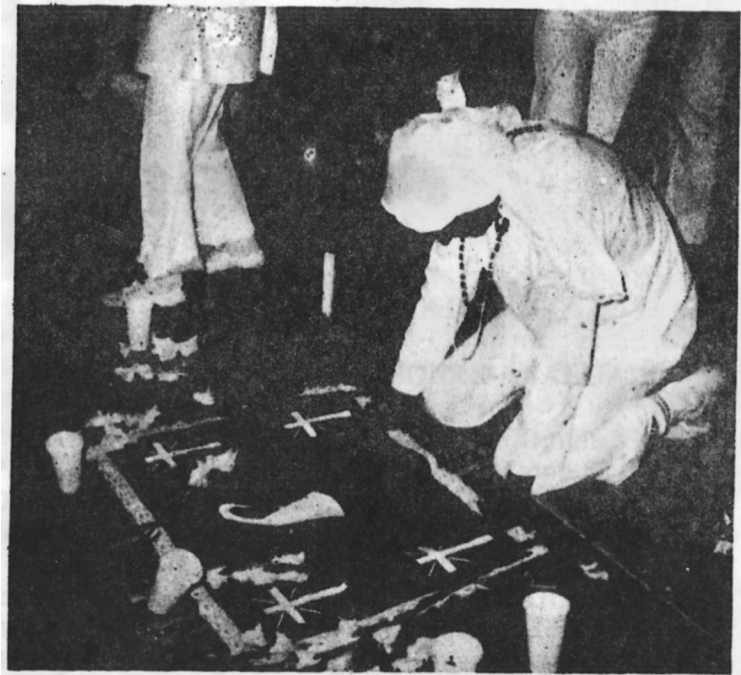
Posição da toalha
sobre a esteira,
base do Ebiri
voltada para o
filho de fé.

7 velas roxas
ao redor da
toalha sobre
a esteira
amarradas com
fitas roxas.

Canto direito
baixo: vela de
quarta. Sobre
esteira.

Antes de acender
as velas o filho
de fé deve abrir a
champanhe e
colocar parte no
alguidar onde
estão as guias.





Filho de fé após a consagração a Nanã

IV. ABALUAIÊ

1. LENDA AFRICANA SOBRE ABALUAIÊ

Abaluaiê é conhecido também como Omulu. Segundo Pierre Verger, Abaluaiê quer dizer “Rei Dono da Terra” e Omulu significa “Filho do Senhor”. Abaluaiê é considerado o deus da varíola e das doenças contagiosas.

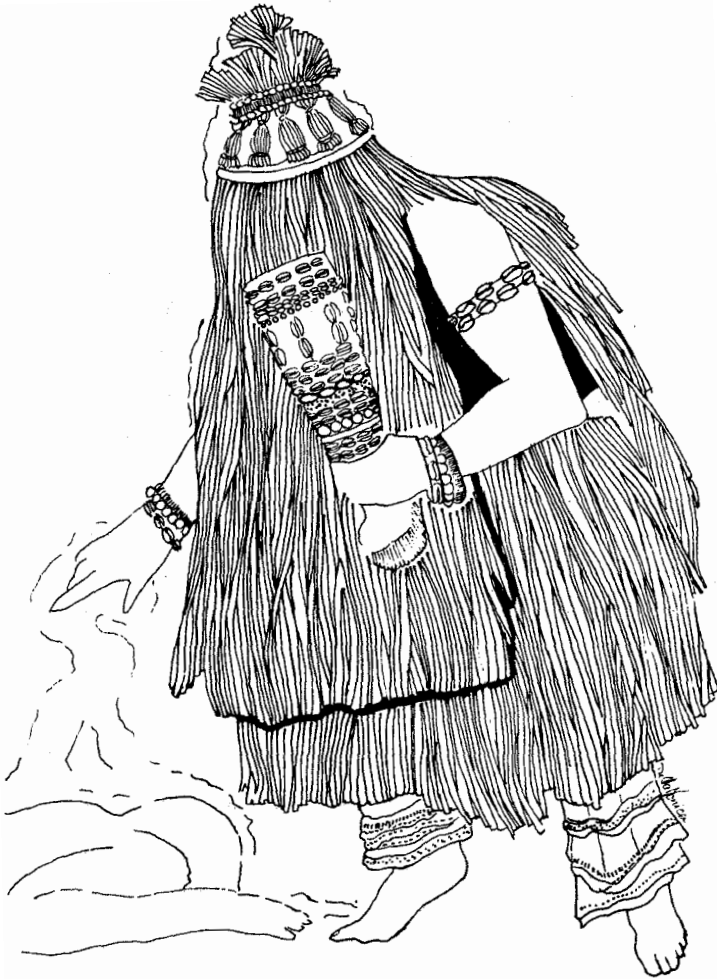
Segundo Verger, Abaluaiê e Nanã Buruquê são frequentemente confundidos em certas partes da África. Em algumas lendas fala-se a respeito da disputa de Abaluaiê e Nanã Buruquê contra Ogum. Verger considera essa disputa de divindades como o choque de religiões pertencentes a civilizações diferentes, sucessivamente instaladas num mesmo lugar e datando de períodos respectivamente anteriores e posteriores à Idade do Ferro.

Muitas são as lendas sobre Abaluaiê. Transcreveremos aqui, duas delas narradas por Verger em sua grandiosa obra “Orixás”.

A primeira lenda diz o seguinte: “Abaluaiê era originário de Empé (Tapá) e havia levado seus guerreiros em expedição aos quatro cantos da Terra. Uma ferida feita por suas flechas tornava as pessoas cegas, surdas ou mancas. Abaluaiê chegou assim ao Território Mahi no norte do Daomé, ba-

tendo e dizimando seus inimigos, e pôs-se a massacrar e a destruir tudo o que encontrava à sua frente. Os mahis, porém, tendo consultado um babalaô, aprenderam como acalmar Abaluaiê com oferendas de pipocas. Assim, tranqüilizado pelas atenções recebidas, Abaluaiê mandou-os construir um palácio onde ele passaria a morar, não mais voltando ao país Empê. O Mahi prosperou e tudo se acalmou”.

A segunda lenda é originária de Dassa Zumê e diz o seguinte: “Um caçador *Molusi* (iniciado de Omulu) viu passar no mato um antílope. Tentou matá-lo, mas o animal levantou uma de suas patas dianteiras e anoiteceu em pleno dia. Pouco depois, a claridade voltou e o caçador viu-se na presença de um *Aroni*, que declarou ter intenção de dar-lhe um talismã poderoso para que ele colocasse sob um montículo de terra que deveria ser erguido defronte de sua casa. Deu-lhe também um apito, com o qual poderia chamá-lo em caso de necessidade. Sete dias depois, uma epidemia de varíola começou a assolar a região. O *Molusi* voltou à floresta e soprou o apito. Aroni apareceu e disse-lhe que aquilo era o poder de Abaluaiê e que era preciso construir para ele um templo e todo mundo deveria, doravante, obedecer ao *Molusi*. Foi assim que Abaluaiê (chamado de *Sapata pelos fon*) instalou-se em Pingini Vedji”.



Abaluaiê, conforme é visto pelos cultos africanos

2. RESUMO DA VIDA DE SÃO LÁZARO

Conhecido como o médico dos pobres, Abaluaiê é representado como uma pessoa idosa, portadora de moléstia contagiosa. É chamado de Senhor dos Cemitérios (Calunga Pequena).

Na verdade, entre os africanos, ele era ao mesmo tempo, adorado e temido, por representar o Orixá da Peste (qualquer doença epidêmica) e por extensão também o “ORIXÁ DA MORTE”.

Os Quimbandeiros lhe dedicam especial atenção, e muitas vezes é confundido com Exu. Na verdade, é um orixá como os demais e não se enquadra entre as entidades negativas.

Segundo a lenda, Lázaro retornou do mundo dos mortos, por determinação de Jesus, daí a confusão.

Sobre a vida material terrena de São Lázaro sabemos que: nascido na Betânia, tinha duas irmãs, de nome Marta e Maria.

Há quem afirme ser Maria, irmã de Lázaro, a mesma Maria Madalena que, na casa dos fariseus se regenerou aos pés de Jesus Cristo, porém, segundo São Lucas, essa não é a verdade.

Lázaro, segundo a história sagrada, foi um dos maiores amigos de Jesus Cristo, e dizem ser provável ter sido ele, um de seus primeiros discípulos.

Sabe-se que quando Jesus pregava pelo mundo, foram dizer-lhe que seu amigo Lázaro, a quem tanto amava, estava enfermo, e Jesus lhes respondeu:

— “Esta doença não é para a morte, mas para a glória de Deus, pois que seu filho será glorificado por ele”.

Permanecendo ainda pelo espaço de dois dias do outro lado do Jordão, foi então que Jesus disse aos seus discípulos:

— “Lázaro nosso amigo dorme, vou despertá-lo do sono”.

Chegando a Betânia, soube por intermédio de Marta, que tinha vindo ao seu encontro, que seu amigo havia morrido, e que se encontrava enterrado a quatro dias.

— “Teu irmão ressuscitará” - disse-lhe Jesus - “Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda mesmo morto viverá, e quem vive e crê em mim, não morrerá jamais. Crês

isso?.”

Respondendo afirmativamente, Marta, chamando ainda sua irmã Maria, disse-lhe:

— “O Mestre está cá e chama-te”.

Maria, vindo ao encontro de Jesus, exclamou:

— “Senhor, se tivesse estado aqui, meu irmão não teria morrido”.

Vendo Jesus que Maria chorava, chorou também, e perguntou-lhe: — “Onde o sepultaste?.”

Maria indicou-lhe o túmulo de Lázaro. Jesus para lá se dirigiu, e apesar da recomendação da irmã, que o corpo já exalava mau cheiro pelo fato de estar enterrado a quatro dias, mandou que retirassem a pedra que tapava a gruta que servia de jazida ao morto, e Ele, olhando para o céu disse:

— “Pai, dou-vos graças por me terdes escutado. Quanto a mim, sabia que me ouvia sempre, mas digo-o por causa dessa multidão que me cerca, a fim de que creiam que sois vós que me haveis enviado”.

Após ter dito estas palavras, ordenou Jesus, com voz forte: — “Lázaro, sai para fora!”.

Envolto em faixas, coberto seu rosto com um sudário, atado de pés e mãos com tiras de pano, ergueu-se Lázaro do túmulo, para espanto de todos.

— “Desatai-o e deixai-o andar” — disse Jesus aos que o acompanhavam.

É inútil dizer como o temor e admiração se apoderaram dos assistentes e muitos creram em Jesus. A notícia deste fabuloso milagre correu ligeira, formando duas correntes entre os judeus. Uns que francamente reconheciam a divindade de Cristo e outros, principalmente os orgulhosos escribas e fariseus, que se encheram mais ainda de ódio, tramando a morte de Cristo.

Alguns dias após o ocorrido, Lázaro com as irmãs deram um banquete de agradecimento ao divino Mestre pelo prodígio realizado.

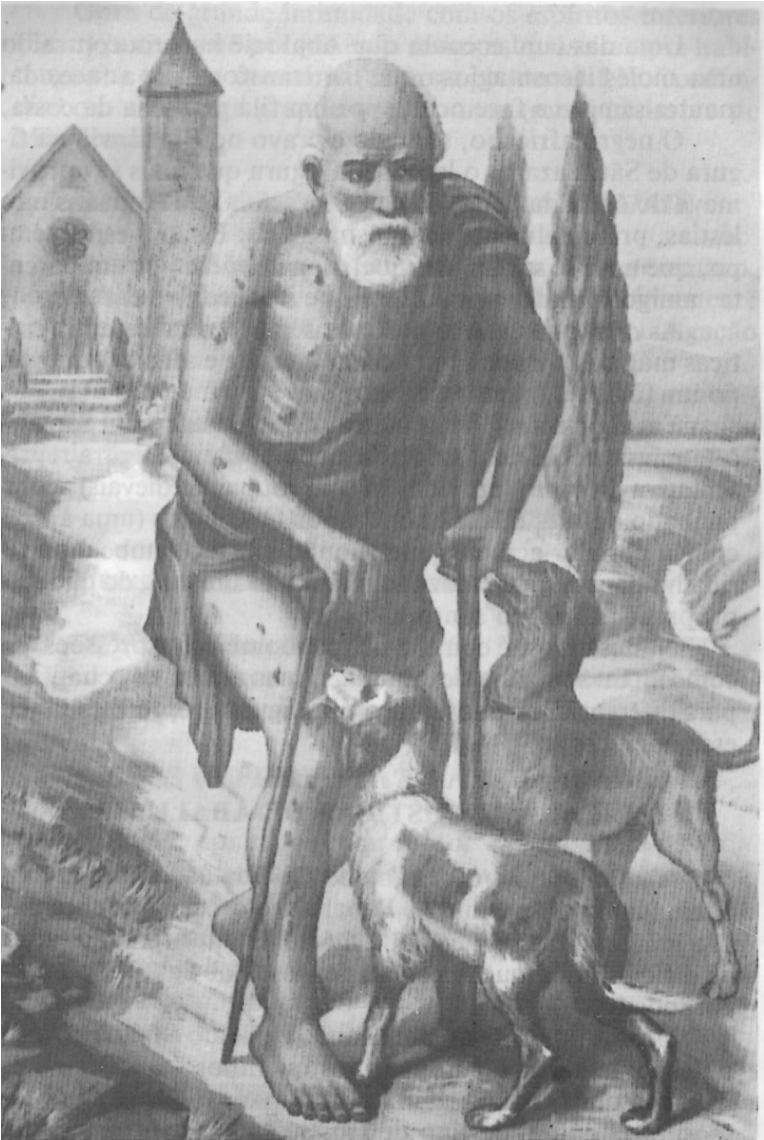
João é o único evangelista que tece considerações à respeito do milagre. A narração, com bastante detalhes, constitui um dos pontos relevantes do quarto evangelho, pois a ressurreição de Lázaro assume, além do fato histórico, o valor de símbolo e de profecia, como prefiguração da ressur-

reição de Cristo. A casa de Betânia e o túmulo foram alvo de peregrinações já na primeira época do cristianismo, como cita o próprio São Jerônimo. Mais tarde, os peregrinos medievais nos dão notícia que ao lado do túmulo de Lázaro tinha surgido um mosteiro beneficiado por Carlos Magno. Lázaro teve o privilégio de ter dois túmulos, pois morreu duas vezes.

O primeiro túmulo, de onde foi tirado e ressuscitado por Jesus, ficou vazio, uma vez que a tradição oriental mais antiga considera Lázaro, bispo e mártir de Chipre. Antigos afrescos encontrados na ilha parecem confirmar a presença de Lázaro em Chipre.

Outra lenda nos conta que Lázaro saiu da Palestina e foi para Marselha tendo sido eleito bispo e perseguido por Nero.

Há quem afirme também, que três dias após ressuscitado, Lázaro havia se embriagado e, numa briga, matou um homem, todavia, esta passagem não consta nos Evangelhos.



São Lázaro

3. SINCRETISMO RELIGIOSO

Uma das lendas conta que Abaluaiê haveria contraído uma moléstia contagiosa que lhe transformara a face, daí manter sempre a face oculta por um filá de palha da costa.

O negro africano, tornado escravo no Brasil, via na figura de São Lázaro, o leproso, a figura que mais se aproximava do orixá da peste, da bexiga (varíola) e de todas as moléstias, principalmente as transmissíveis. É, ao mesmo tempo, que a ele se socorrem aqueles que temem por um parente, amigo ou líder importante que se encontre enfermo.

As oferendas a Abaluaiê são sempre consideradas práticas mágicas, visando aproximar a saúde e afastar a morte, ponto final de todas as doenças.

Em algumas regiões, também é sincretizado com São Roque e nestas ocasiões isso se deve muito mais à figura representativa do santo (um homem com roupas medievais) acompanhado de cães que lhe lambem os ferimentos (uma antiga crença popular acredita que quando um cão lambe uma ferida humana, esta cicatriza-se mais rapidamente), do que pela própria história do santo católico.

Nestes casos, é comum nos candomblés, expressões tais como: “Eu sou filho de Abaluaiê, mas o meu usa chapéu”, para diferenciar de São Lázaro cuja figura é representada sem esse adereço.

4. CARACTERÍSTICAS DE ABALUAIÊ

Abaluaiê, também chamado de Obaluaiê, Sapatá, Xapanã, Xankpanã, Omulu e Babalu, é o orixá da doença e de sua principal consequência, a morte. É um orixá taciturno, de difícil trato e que necessita de várias obrigações para ser abrandado.

É também complacente quando o pedido é feito por mães ou esposas em favor de maridos ou filhos.

É o mais temido de todos os orixás e o que menos se sensibiliza com o destino de seus seguidores. É um rei despota que não admite contestações.

Em virtude da sua ligação com a morte, é também chamado de orixá dos cemitérios, sendo cultuado preferencial-

mente nos chamados cruzeiros das almas.

Goza de grande intimidade com os espíritos inferiores (Exus) justamente porque estes últimos, quase sempre habitam a sua casa, o cemitério (calunga pequena). Não confundir com a calunga grande que é o mar (reino exclusivo de Mãe Iemanjá).

5. DATA COMEMORATIVA DE ABALUAIÊ

Apesar de São Lázaro ser festejado a 17 de dezembro, no calendário católico, Abaluaiê é cultuado principalmente no dia de finados (1 de novembro) em virtude da sua ligação com os mortos.

Há também um culto generalizado a Abaluaiê, nas tendas de Umbanda que não fecham na quaresma em virtude da sua familiaridade com os espíritos inferiores (Exus).

6. SAUDAÇÃO A ABALUAIÊ

A saudação tradicional para Abaluaiê, em todo o Brasil é:

— “Atotô Abaluaiê”!

Ao que os filhos de fé respondem respeitosamente:

— “Atotô, meu Pai”!

7. CORES REPRESENTATIVAS DE ABALUAIÊ

Abaluaiê, por representar a morte, a ausência da vida e conseqüentemente a ausência da luz, só poderia ter uma cor, o preto, a escuridão, o nada.

Na Umbanda e no Candomblé, o preto é utilizado juntamente com o branco.

No passado, atribuíam-se-lhe outras cores: o marrom e o roxo, em virtude da afinidade com Nanã Buruquê.

8. INSTRUMENTOS DE CULTO DE ABALUAIÊ

Na Umbanda, o único instrumento de culto deste orixá, é a guia de contas de cristal brancas (grandes) intercaladas com contas pequenas de porcelana (10 milímetros para

o cristal e 6 milímetros para a porcelana). Isto ocorre porque a luz deve sempre superar a sombra. Na guia, o branco significa a presença soberana da luz (Oxalá) e o negro, a ausência da mesma.

No Candomblé, o instrumento principal é o *xaxará*, variação reta do ebiri de Nanã Buruquê. O *xaxará* seria, a princípio, uma vassoura velha, gasta, mais curta que o ebiri. Nos atuais candomblés “DE PLUMAS, PAETÊS E LANTEJOU-LAS”, a antiga vassoura gasta acabou assumindo o aspecto de um bastão reto e cônico, adornado de búzios e de contas brancas e pretas.

Além disso, no Candomblé, como insígnia real, é utilizado um longo *brajá* (barajá) de búzios que trazem na ponta uma cabaça pequena, adornada de palha da costa, búzios e contas, com a particularidade de, ao contrário dos demais brajás e guias, ter o fecho embaixo no ponto onde se insere a cabaça.

A sua vestimenta é *sui generis* e, difere de todos os demais orixás. É constituída de uma calça branca presa nos tornozelos com fitas, encimada por um saiote longo de palha da costa, um capuz de palha da costa que começa no alto da cabeça, cobrindo o rosto e o dorso, fazendo enfim com que fiquem visíveis apenas os braços, as mãos e os pés do filho de fé manifestado com o orixá.

Sua dança é bastante cadenciada e tem como um ballet, passos especiais. Sua festa maior é denominada *Alubajé* ou *Batucajé*, ocasião em que além dos atabaques usuais, *Run-Runle* e *Run-Pi*, costuma-se utilizar (embora muito raramente) um atabaque especialmente construído para o orixá, que chega a medir até quatro metros de altura.

9. CARACTERÍSTICAS DOS FILHOS DE FÉ DE ABALUAIÊ (OMULU)

Os filhos de Abaluaiê são muito controvertidos, seu caráter, às vezes, é taciturno, calado, fechado em si próprio. Às vezes, têm piques de alegria, descontração e satisfação, indo, de um pólo para outro, com facilidade e com muita frequência.

Os filhos de Abaluaiê gostam de ocultismo, têm certa tendência para tudo o que é misterioso. Gostam e frequentemente estudam a vida dos astros. Gostam das artes e das pesquisas, dedicando-se muito para isso.

Convivem melhor com pessoas idosas, do que com as mais jovens. Não têm a paciência necessária para suportar arroubos da mocidade; mesmo seus filhos (de Abaluaiê), de menos idade, sempre procuram pessoas de mais idade para conviver.

Não gostam de aglomerados, preferem o isolamento, utilizando seu tempo em coisas que consideram de maior utilidade.

Raramente se abrem a respeito de seus problemas, preferem “curtir” a mágoa ou a dor sem participar a ninguém.

Muito sentimentais, e muito frequentemente, profundamente negativistas.

NOTA EXPLICATIVA

Os filhos de fé não recebem influências de apenas um ou dois Orixás, da mesma forma que nós não ficamos presos à educação e orientação de um pai ou mãe espiritual; nós não ficamos também sob a tutela do nosso Orixá de Frente ou Junto.

Frequentemente recebemos influências de outros Orixás (como se fossem professores, avós, tios, amigos mais chegados na nossa vida material). O fato de recebermos estas influências não quer dizer que somos filhos ou afilhados desses Orixás, trata-se apenas de uma afinidade espiritual.

Uma pessoa, às vezes, não se dá melhor com uma tia do que com uma mãe?

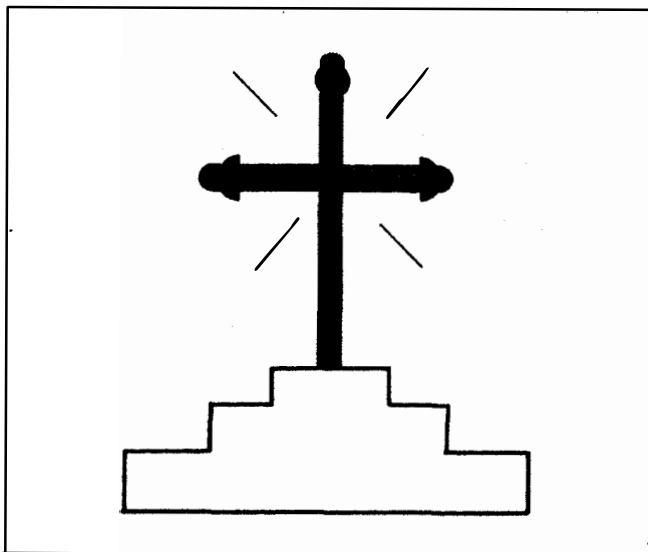
Assim também é com os Orixás, podemos ser filhos de Oxosse ou Iansã e receber mais influência de Ogum ou Oxum.

Posso ser filho de Abaluaiê e não gostar de trabalhar com entidades que mais lhe dizem respeito, preferindo trabalhar com entidades de cachoeiras, o que, de forma alguma, me faz ser adotado por estes outros Orixás.

O importante é que nos momentos mais decisivos de nossas vidas, suas influências benéficas se fazem presentes. Quase sempre uma soma de valores e não apenas, e individualmente, a característica de um único Orixá.

10. PONTOS RISCADOS DE ABALUAIÊ

O cruzeiro das almas é o símbolo universal de Abaluaiê. Além do cruzeiro são utilizadas cruzes de todas as formas da mesma natureza das que são encontradas nos campos santos.



11. PONTOS CANTADOS DE ABALUAIÊ

Apresentaremos para Abaluaiê, um ingrossi do Candomblé e alguns pontos cantados na Umbanda.

UIÊ ÔRI RÚMBA
(Omolú)

Bahia, capital Candomblé (gege)

Mus. 100

U - iê ô - ri rumba xa - mo - lu ô - ri rûm - ba - U.

-iê o - ri rûm - ba xa - mô - lu ô - ri rûm - ba

PONTO DE ABALUAIÊ NA UMBANDA

SE VÊ UM VELHO
NO CAMINHO PEDE A BENÇÃO
SE VÊ UM VELHO
NO CAMINHO PEDE A BENÇÃO

BENÇÃO DE DEUS
BENÇÃO DE DEUS
BENÇÃO DE DEUS BALUAIÊ
BENÇÃO DE DEUS

ATOTÔ BALUAIÊ
ATOTÔ BABÁ
ATOTÔ BALUAIÊ
ATOTÔ É ORIXÁ

ATOTÔ BALUAIÊ
ATOTÔ BABÁ
ATOTÔ BALUAIÊ
ATOTÔ É ORIXÁ

MEU PAI OXALÁ É O REI
VENHA ME VALER
MEU PAI OXALÁ É O REI
VENHA ME VALER

O VELHO OMULU
ATOTÔ BALUAIÊ

O VELHO OMULU
ATOTÔ BALUAIÊ

ABALOU O CÉU
ABALOU O MAR

ABALOU SEREIA
ABALOU IEMANJÁ

EU VI SANTA BÁRBARA DIZER
SALVE ABALUAIÊ
NA FÉ DE OXALÁ

EU VI SANTA BÁRBARA DIZER
SALVE ABALUAIÊ
NA FÉ DE OXALÁ

12. COMIDA DE SANTO (ORIXÁ) E ANIMAIS CONSAGRADOS A ABALUAIÊ

Abaluaiê come bode, porco, galo, conquém e pipocas.

Um prato especial de Abaluaiê é o doburu (pipocas) com coco que normalmente é servido também acompanhado de comida de Iansã (acarajé).

O doburu com coco é servido em um alguidar de louça ou barro, imaculadamente limpo. O doburu é constituído de pipocas, coco fatiado, regado a mel e sem sal.

13. OBRIGAÇÃO A ABALUAIÊ NA UMBANDA

COMPOSIÇÃO DOS BANHOS

- Arruda ou tapete de Oxalá (Boldo do Chile)
- Guiné
- Alecrim do Campo
- Caroba ou Carobinha
- Estigma de Milho
- Capim Santo
- Cipó Cruz ou Cipó Cruzeiro
- Azeite de dendê (duas colheres)
- Pipoca feita em azeite de dendê

DEFUMAÇÃO

- Incenso
- Mirra
- Benjoim
- Alfazema
- Rosa Branca
- Cravo-da-índia
- Pichuri

MATERIAL NECESSÁRIO

- 1 alguidar nº 3 ou 4
- 1 vela de quarta branca

- 7 velas pretas
- 7 velas brancas
- 7 velas azuis
- 1 vela vermelha
- 1 vela preta e vermelha
- 3,5 metros de fita branca cortada em pedaços de 50 centímetros
- 3,5 metros de fita preta cortada em pedaços de 50 centímetros
- 1 metro de pano preto (este pano deve ser maior do que a toalha)
- 1 vidro de mel
- 1 coité
- 1 coco cortado em fatias
- 1 garrafa de vinho branco doce
- 1 toalha
- 1 saca-rolhas
- 3 caixas de fósforos
- Pipocas estouradas em azeite de dendê sem sal nem açúcar
- Cravos coloridos

Para esta obrigação seguem-se os mesmos preceitos, obrigações e abstinências que para as demais.

Para a confecção do banho, coloca-se em uma vasilha, quatro a quatro e meio litros de água para ferver, junta-se as ervas e as duas colheres de azeite de dendê; à parte, estoura-se um punhado de pipocas, também no azeite de dendê (sem sal ou açúcar); a quantia deverá ser a de um prato de sopa cheio. Quando a pipoca estiver pronta, coloca-se a mesma para ferver no banho. Depois de frio, e um pouco antes do banho ser tomado, coa-se a infusão em um pano branco, felpudo e virgem, que só deve ser usado para isso, nesta e em todas as obrigações; as ervas devem ser reservadas para o despacho em água corrente, de preferência em um rio.

O banho deve ser preparado pouco tempo antes de ser usado, e deve ser tomado na hora de ir dormir; após o banho de higiene corporal, é despejado sobre o corpo, dos ombros para baixo. Na cabeça só se coloca o amaci, salvo as exceções; deve-se esperar uns cinco minutos antes de se enxugar, com uma toalha limpa, fazendo uma breve fricção so-

bre o corpo.

A esta altura, as brasas já devem estar acesas no turíbulo e, nesse momento, coloca-se uma certa quantia dos ingredientes de defumação sobre ela. É feita passando-se sobre o turíbulo diversas vezes, em várias direções, para que o corpo seja totalmente envolvido pela fumaça. Ao deitar-se para o descanso noturno, deve-se de preferência, usar apenas um camisolão branco e nada mais. Ao deitar-se na esteira, deve-se fazer uma prece a Abaluaiê pedindo para que ele dê a sua proteção. No dia da obrigação, deve-se tomar apenas um lanche e, antes de se dirigir ao local predeterminado, toma-se um banho de Abaluaiê, faz-se a defumação e veste-se a roupa branca, que também deverá ser dessa cor internamente. As mulheres devem abster-se de pintura no rosto, nas unhas e de ter os cabelos muito arrumados. Homens e mulheres devem abster-se de todo e qualquer adorno, incluindo relógios, e só levar consigo a guia de Oxalá, que foi recebida por ocasião da primeira obrigação.

Para melhor preparar o banho, deve-se esvaziar todas as caixas de ervas, misturando-as muito bem, e em seguida, encher novamente as caixinhas, para que não haja sobras nem faltas. Deve-se proceder da mesma forma com relação à defumação, tomando o cuidado de raspar ou ralar o pichuri, que é o único ingrediente que necessita de manipulação. A caroba é utilizada especialmente para os banhos de Abaluaiê por ser muito purificante e sensivelmente antialérgica. Se uma médium estiver menstruada, nada a impede de realizar sua obrigação; isto é um fato natural e não implica exclusão das mesmas, salvo se o período para o cumprimento da obrigação lhe trouxer desconforto material. Se um casal estiver fazendo suas obrigações juntos, cada um deve preparar sua obrigação separadamente, fazendo cada um para si, assim como a confecção da toalha. O preceito só terminará ao meio-dia do dia seguinte. A obrigação de Abaluaiê é a única que não tem otá. As fitas brancas deverão ser atadas nas velas pretas, e as pretas nas velas brancas. A toalha deverá ser branca com a barra preta, e no centro da mesma, deverá ser bordado um Cruzeiro das Almas em cor preta; devendo medir em torno de 70 X 70 centímetros. A toalha pode ainda ser preta com barra branca.

MODELO DA TOALHA



SEQÜÊNCIA DA OBRIGAÇÃO

A obrigação de Abaluaiê é feita na Calunga Grande (o Mar) e despachada na Calunga Pequena (o Cemitério).

Depois de dado o Paô a Exu, o filho de fé deverá seguir para o local onde será realizada a obrigação. Em primeiro lugar, o filho de fé deverá acender a vela vermelha, pedindo proteção a Ogum, acendendo em seguida, as velas azuis, que serão oferecidas à Iemanjá com os mesmos propósitos, devendo voltar ao seu lugar.

O Pai Espiritual delegará a vários Ogãs as suas responsabilidades, para que os mesmos possam orientar os filhos que estão preparando suas obrigações.

O filho de fé deverá estender na areia o pano preto e sobre o mesmo sua toalha, de modo que a base da cruz fique voltada para sua direção. A posição correta do filho de fé é de frente para o mar. Entre cada toalha deverá haver um espaço de um metro livre.

No canto direito da toalha, ao lado do médium e na areia será firmada a vela de quarta; ao redor da toalha serão distribuídas as velas pretas e brancas, intercaladas e distribuídas uniformemente. Entre as velas serão colocados os cravos, que deverão ter somente a flor sobre a toalha, o cabo

deverá estar para fora; no canto esquerdo e sobre a toalha, ao lado do médium será colocado o coité, onde serão colocados o vinho e o mel, cujas garrafas deverão permanecer junto à vela de quarta. Na areia, altura da base da cruz, coloca-se o alguidar com as mesmas, mais ou menos até a metade, e sobre as pipocas, ao redor do alguidar (na parte interna), arruma-se o coco fatiado. Deve ser acesa em primeiro lugar, a vela de quarta, que será oferecida ao Anjo da Guarda e, à partir dela, são acesas as demais que serão oferecidas a Abaluaiê.

Os filhos de fé devem manter-se em seus lugares a espera do Ogã que virá defumá-los, um a um, enquanto cantam o ponto de defumação. Em seguida, será passado entre os filhos de fé, o alguidar com as guias, onde cada filho depositará primeiro o vinho e depois o mel, oferecendo e saudando Abaluaiê. As guias deverão estar arrumadas no alguidar em forma de cruz. Quando o Pai Espiritual traz o alguidar, coloca-o defronte a vela de quarta, ajoelha-se ao lado (o filho de fé também já deverá estar ajoelhado em frente a vela de quarta), para que o filho cruze o alguidar. Quando todos já tiverem depositado seu curiador no alguidar, o Pai Espiritual voltará ao primeiro e iniciará a consagração, enquanto todos cantam pontos de Abaluaiê ao som de palmas.

Um Ogã colocará o alguidar ao lado do canto esquerdo da toalha do filho de fé que será consagrado (que já deverá estar de joelhos, com a cabeça sobre o alguidar e as mãos em posição de pedir graças, isto é, com as palmas voltadas para cima), colocando-se ao seu lado direito e tirando-lhe a toalha do pescoço, aguardando. O Pai Espiritual se ajoelhará ao lado esquerdo do filho e, tomando uma das guias do alguidar, pronuncia a frase:

—“A QUEM CONSAGRO ESTE (A) FILHO (A)?” — o Ogã responde:

—“A ABALUAIÊ, MEU PAI!” — o Pai Espiritual pergunta:

—“POR QUEM EU CONSAGRO ESTE (A) FILHO (A)?”

—“POR ABALUAIÊ, MEU PAI!” — responde o Ogã.

Neste momento, o Pai Espiritual coloca a guia que foi consagrada a Abaluaiê no pescoço do filho de fé, tomando em suas mãos o coité (com vinho e mel), pedindo a Oxalá permissão para a consagração do filho, e em seguida, cruza-

rá a cabeça do mesmo com o curiador, em nome de OLU-
RUM — OXALÁ E IFÁ, enquanto o Ogã responde com a
saudação: — “ATOTÔ ABALUAIÊ”

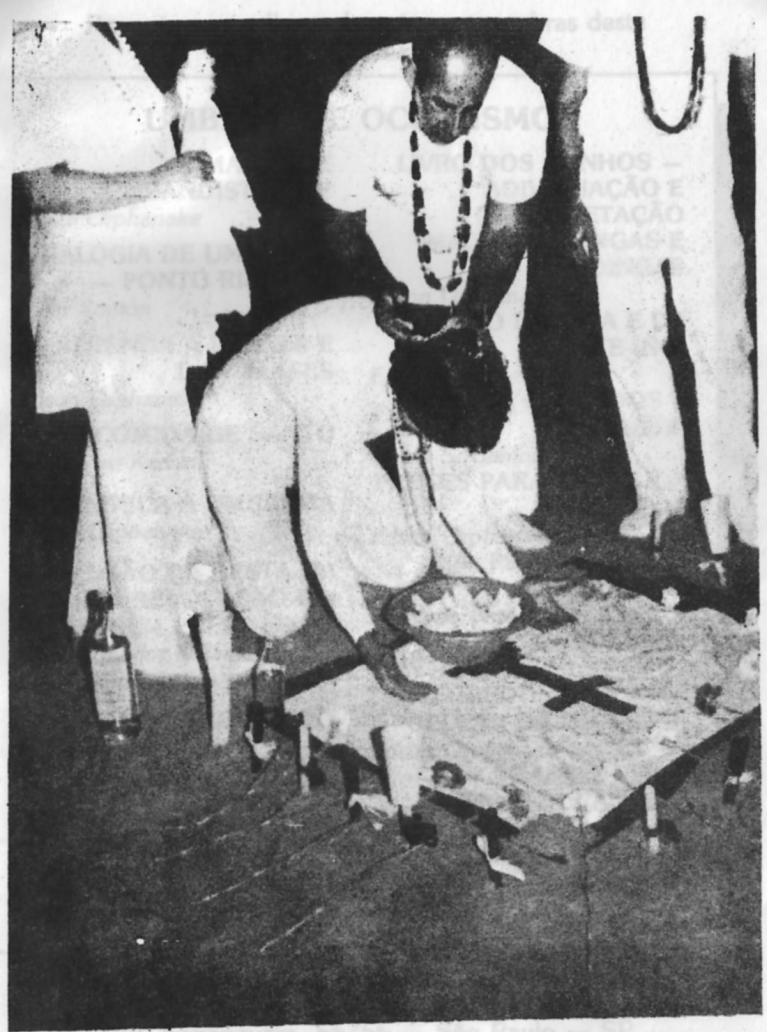
O Pai Espiritual acaba de derramar todo o curiador na
cabeça do filho de fé e, aquele Ogã que ficou aguardando
do lado direito do filho, cobrirá sua cabeça com a toalha,
devendo ficar assim até o final dos trabalhos. Quando o Pai
Espiritual terminar a consagração, dará ordem para que to-
dos os filhos levantem e coloquem o alguidar no centro da
toalha. Em seguida, pegam o saco com as pipocas que leva-
ram, voltam as costas para a toalha, avançam um passo à
frente e, quando ouvirem o Pai Espiritual fazer a saudação
: — “ATOTÔ”, todos os filhos começam a jogar as pipo-
cas com a mão direita sobre os ombros para traz, alternan-
do os ombros esquerdo e direito, até que termine toda a pi-
poca. O chão deverá ficar forrado com as pipocas, para que
quando a toalha for retirada, fique bem destacado o local
onde estava assentada. Quando todos os filhos terminarem,
voltam-se para a sua toalha e colocam o coité dentro do al-
guidar, cruzando-o com o mel e orando a Abaluaiê. Quan-
do terminarem, colocam o frasco dentro do coité; junto ao
redor da base do alguidar os cravos, arrumando para que
fiquem juntos; apagam as velas que estão acesas, reunindo
aquelas que estão apagadas ou as que terminaram. Colocam
tudo sobre a toalha e amarram-na em forma de cruz; depois
inverte-se a posição do alguidar para que se possa amarrar
o pano preto, de forma que não haja possibilidade de cair
nada de dentro. Feito isso, tampam o vinho e ficam ao lado
do Pai Espiritual, para a prece de encerramento dos trabalhos.

No dia seguinte, leva-se a oferenda ao cemitério, defronte
ao Cruzeiro das Almas, desata-se o nó do pano e da toalha
e coloca-se ambos na mesma posição que estavam na praia
(a base da cruz ao pé do médium); arruma-se os cravos co-
mo estavam durante o trabalho e acendem-se as velas que
estavam por terminar; derrama-se todo o vinho no alguidar
e deixando a garrafa de lado, faz-se uma prece a Abaluaiê
e volta-se para casa.

O pano preto usado para atar o trabalho é para isolar
as pessoas das vibrações do material que ali está. O filho de
fé poderá tomar banho e lavar a cabeça e a guia após passar
doze horas do término da obrigação.



Filho de Fé diante da obrigação à Abaluaiê.



Filho de Fé sendo consagrado a Abaluaiê.

Procure nas melhores livrarias outras obras desta
mesma série

UMBANDA E OCULTISMO

**ALMANAQUE
UMBANDISTA 1987**

Edson Orphanake

**ANALOGIA DE UMBANDA
— PONTO RISCADO**

Josef Ronton

**APRENDA A BENZER E
DAR PASSES**

Edson Orphanake

COMIDA DE SANTO

Alexandre Kadunc

CONHEÇA A UMBANDA

Edson Orphanake

**EXPLOÇÃO DA BESTA (A)
— A REVOLUÇÃO DO
HOMEM ENERGÉTICO**

*Rodolfo Lagos e Paulo
San Martin*

EXU PODER E PERIGO

Liana Trindade

**FAÇA VOCÊ MESMO SUA
MACUMBINHA**

Edson Orphanake

INICIAÇÃO A UMBANDA

Diamantino F Trindade

**LIVRO DOS SONHOS —
ADIVINHAÇÃO E
INTERPRETAÇÃO
MAGIA, MIRONGAS E
MANDINGAS**

Edson Orphanake

**PALCO DA VIDA E DA
MORTE (NO)**

Edson Orphanake

**PONTOS CANTADOS E
RISCADOS**

Gilton S. Santos

**PRECES PARA TODOS OS
MOMENTOS**

Edson Orphanake

**PSICOLOGIA DO
ESOTÉRICO**

Bragwan Shree Rajnessh

QUIMBANDA

Josef Ronton

**SEGREDOS DA MAGIA
POPULAR NA UMBANDA**

Edson Orphanake

**TRABALHOS DE
UMBANDA CANJERÊ**

Josef Ronton

**UMBANDA AS SUAS
ORDENS**

Edson Orphanake

Où utilize nosso serviço de reembolso postal 01135
— Rua Anhanguera, 56/66 — São Paulo — SP.



Impresso nas Oficinas da
GRÁFICA EDITORA LTDA.

Fone: 918-5711 — São Paulo
C. G. C. 46. 295. 564 / 0001. 08

